

# Rádio e imaginário na obra de Erico Verissimo:

Uma análise de *Incidente em Antares*<sup>1</sup>

## *Radio and imaginary in Erico Verissimo's works: An analysis of *Incidente em Antares**

**Doris Fagundes Haussen** | [dorifah@pucrs.br](mailto:dorifah@pucrs.br)

Jornalista, professora doutora do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e pesquisadora do CNPq

### **Resumo**

O texto analisa a presença do rádio no romance *Incidente em Antares*, do escritor Erico Verissimo, com o objetivo de verificar o papel do veículo na ficção produzida pelo escritor e a sua relação com o imaginário do período. Conclui-se que o rádio, no romance, traça um grande painel da sociedade e da política do Rio Grande do Sul (e do Brasil). Ao mesmo tempo, mexe com a necessidade de circulação entre o imaginário e o real da comunidade e auxilia na construção de novos imaginários.

**Palavras-Chave:** Rádio; Ficção, Erico Veríssimo.

### **Abstract**

*The text analyzes the presence of radio in Erico Verissimo's novel *Incidente em Antares*, in order to verify the role played by this media in his fiction and its relationship with the imaginary of the period. We conclude that radio, in this novel, draws a large panel of society and politics in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. At the same time, deals with the need to travel between the imaginary and the community reality and assists in building new imaginary.*

**Keywords:** Radio; Fiction; Erico Verissimo.

## Introdução

A trajetória do rádio acompanha a do país, praticamente em todo o século XX. A literatura, por sua vez, com o surgimento do veículo representou “a retomada de valores perdidos ou ameaçados, não somente da cultura culta, mas também da literatura popular, tanto falada quanto escrita”, segundo Fadul (in AVERBUCK, 1984, p. 156). Para a autora, o rádio, a imprensa, o cinema e a televisão, “ao contrário do que se poderia imaginar, ao ampliarem o conceito de literatura, não a destroem, mas vieram dar uma nova vida à arte, que adquire, assim, uma outra função social”. Fadul considera que “o universo da literatura não se limita mais à página impressa do livro, mas está em toda a parte, na crônica do jornal, nos scripts de cinema, rádio e televisão”.

Sobre o tema, Borelli e Mira (1996, p. 44) ressaltam, ainda, que:

*Inúmeras outras manifestações culturais circularam indistintamente – em tempos e espaços variados – pelo universo da literatura, circo, teatro, rádio, televisão e cinema latino-americanos. Elas determinaram os contornos de uma cultura popular de massas e podem ser produzidas ora de forma mais artesanal – no caso dos circos-teatros – ora no interior das mais organizadas empresas culturais, como rádio, cinema e televisão. Em qualquer destes campos explicita-se a conexão dos meios de comunicação com expressões da cultura popular, demarcando espaços de continuidade entre tradições culturais populares e cultura de massas.*

Em relação ao romance popular, Antonini (2000, p. 46) considera que é de amplo consumo, destinado a despertar o interesse de grande número de eleitores e parte, em geral, de uma realidade cotidiana existente e ainda não suficientemente trabalhada, onde há elementos de tensão não resolvida. A autora cita, no caso específico do Rio Grande do Sul, a colonização, a epopeia farroupilha, a revolução de 1893, o golpe de 30, a ditadura pós-64. E alguns destes elementos encontram-se em *Incidente em Antares*.

Reflexões sobre a relação da literatura com o rádio, portanto, principalmente no que se refere à radionovela, têm registrado o fenômeno, como as de Fadul, Martín-Barbero e Borelli, entre outros. No entanto, há uma lacuna no que diz respeito a análises sobre a presença do rádio no enredo da ficção – romances, contos, crônicas –, o que se constitui no objeto do presente texto.

## O rádio

No Brasil, o início do rádio coincide com a própria estruturação do país. Quando Getúlio Vargas assumiu a presidência, em 1930, o veículo sofreu o seu impacto inicial ao surgir o primeiro documento sobre a radiodifusão. Até então o rádio era regido pelas leis da radiotelegrafia. A partir de 1932 a publicidade foi legalmente permitida, o que viria a traçar os rumos da trajetória da radiodifusão brasileira<sup>2</sup>. Sobre aqueles anos, Sevckenko (1998, p. 348) diz:

*A partir dos anos 30, mais precisamente com a introdução dos rádios de válvula, começa a lenta invasão do rádio no universo doméstico, que será marcante apenas na década seguinte com a ampla e abrangente penetração da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.*

*O brasileiro já podia ligar o rádio em casa e conectar-se não apenas com o espaço socializado e partilhado, mas também com aquela nova (e longínqua) República.*

De lá para cá, nesses 90 anos, o rádio esteve presente em todas as manifestações da vida do país, podendo-se dizer que a relação do mesmo com a cultura tem sido muito próxima, desde a divulgação das primeiras músicas gravadas, como *Pelo Telefone*, de Donga, passando pelos programas de auditório, de humor, radionovelas, pelas jornadas esportivas e reportagens. O veículo divulgou eventos e destacou nomes de jornalistas, radialistas, artistas, músicos, esportistas. Fez grandes coberturas de momentos felizes e de grandes tragédias brasileiras. O rádio foi responsável, também, pela alavancagem da indústria cultural no país, pois funcionou como impulsionador de vários elos desta corrente: a indústria fonográfica, as revistas especializadas, o cinema, os artistas, o jornalismo, o esporte, a publicidade e a própria televisão.

Além da participação na cultura, na política e na economia do país, é preciso ressaltar, ainda, o seu papel integrador. No início, através, principalmente, da Rádio Nacional, mas, também, das emissoras locais que reproduziam os acontecimentos de interesse da nação, através dos seus microfones, sem esquecer de seu compromisso com a comunidade próxima. Sobre a ambiguidade do rádio desses anos, Tota (1990, p. 16) lembra que o mesmo “invade a vida cotidiana para reproduzi-la segundo determinações e interesses dos grupos detentores da posse desse meio de comunicação, ao mesmo tempo em que a vida cotidiana envolve o rádio colocando-o como parte do seu estilo de vida”.

Na atualidade, a possibilidade de formação de redes e cadeias, e a sua presença na internet, possibilitada pelo avanço tecnológico, permite maior visibilidade do país e dos acontecimentos internacionais. Mas, o foco principal do veículo continua sendo o da proximidade com a comunidade. Se a televisão aberta tomou para si o papel que a Rádio Nacional desempenhava, se a globalização e a tecnologia trazem cada vez mais as informações mundiais, tem cabido ao rádio, devido às suas características inerentes, promover as informações locais. Isso é justamente o que se vê no romance *Incidente em Antares* em relação à presença do veículo no seu enredo ficcional.

### ***Incidente em Antares***

O romance *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo, publicado originalmente em 1971, pela Editora Globo, é dividido em duas partes. Na primeira, o autor apresenta a cidade fictícia de Antares. A obra mistura elementos da ficção com fatos e personagens reais. Antares é uma cidade do Rio Grande do Sul localizada na fronteira entre Brasil e Argentina, à beira do rio Uruguai. O autor adianta que essa cidade será palco de “um drama talvez inédito nos anais da espécie humana”, em uma sexta-feira 13 de 1963. O “senhor” da cidade desde seu surgimento, Chico Vacariano, tem seu poder ameaçado por Anacleto Campolargo. Lutas e mortes de “maragatos e chimangos”<sup>3</sup> demonstram o ódio existente entre os dois clãs por quase sete décadas. Nos anos 1920, a cidade começa a se modernizar. O telégrafo, o cinema, os

jornais e as revistas que vinham de fora, a estrada de ferro e, depois de 1925, o rádio, contribuem para aproximar Antares ao resto do mundo.

Os dois clãs dominantes se reconciliam nas pessoas de Xisto Vacariano e Benjamim Campolargo, a pedido de Getúlio Vargas (na época deputado federal) de se unirem contra o comunismo. Os dois velhos próceres são substituídos por Zózimo Campolargo, casado com dona Quitéria, e Tibério Vacariano, casado com dona Briolanja. A chefia política da cidade acaba a cargo de Tibério e Quitéria, que nutrem grande amizade.

Tibério enriquece com a ascensão de Vargas, por meio de negociatas no Rio de Janeiro, e pelas oportunidades do contexto da II Guerra Mundial. Com o fim do Estado Novo, em 1945, Tibério tem de buscar outros meios de manter a fortuna. Em 1950, Getúlio volta ao governo “nos braços do povo”, mas Tibério já não mantém as mesmas relações com o presidente. O suicídio de Vargas, em 1954, desperta a comoção popular em Antares, que acompanha, ainda, as movimentações políticas, a eleição e o governo de JK, a construção de Brasília, e a industrialização do país.

Nessa época, Zózimo morre de leucemia no Rio de Janeiro. Tibério Vacariano apoia a candidatura de Jânio Quadros, mas se decepciona com a renúncia do presidente meses depois. O vice, João Goulart, o Jango, era tido como de “tendência socialista”, o que provocou um caos político no Brasil e em Antares, uma vez que figuras como Jango e o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, eram mal vistos pelos senhores da cidade.

Enquanto isso, a equipe do professor Martim Francisco Terra realizava em Antares uma pesquisa para traçar o perfil dos moradores da região. O resultado não agrada a população: Antares é uma cidade prosaica, com gente desconfiada e preconceituosa, com vícios de alimentação, e um enorme problema social ao seu redor, a favela Babilônia, ignorada pela burguesia local. Considerado comunista, o professor Martim – assim como o Padre Pedro Paulo, com quem faz amizade na cidade – passa a ser *persona non grata* em Antares.

Na segunda parte da obra, o autor apresenta os acontecimentos que precedem o “incidente”. Há uma greve geral na cidade, reivindicando melhores salários. Os coveiros do cemitério municipal se juntam à manifestação. Durante a greve, morrem inesperadamente sete pessoas em Antares: dona Quitéria, matriarca dos Campolargo, o doutor Cícero Branco, advogado das falcatruas de Tibério e do Prefeito Vivaldino, o anarco-sindicalista José Ruiz, vulgo Barcelona, o “subversivo” pacifista João Paz, torturado pelo delegado Inocêncio, o maestro Menandro, o bêbado Pudim de Cachaça, e a prostituta Erotildes, que morreu de tuberculose, na ala dos indigentes do Hospital Salvator Mundi, por negligência.

Os coveiros se negam a enterrar os mortos, a fim de aumentar a pressão sobre os patrões. Os mortos insepultos rebelam-se, saem de seus caixões e visitam suas antigas moradas, amigos e famílias, descobrindo a podridão moral da sociedade, especialmente das classes abastadas. Eles pretendem ficar na cidade para reivindicar o direito de serem enterrados.

No coreto da praça, frente aos cidadãos de Antares, os cadáveres começam a revelar os segredos que a sociedade moralista se esforça em esconder: adultérios, torturas, negligências, fraudes. Depois de resolvida a situação dos mortos, quando estes retornam aos seus caixões – após serem apedrejados por um grupo revoltoso –, os coveiros decidem enterrá-los, mas o mal-estar causado pelas revelações segue em Antares.

Os “poderosos” da cidade decidem, então, que o fato deve ser esquecido. Quando a imprensa de Porto Alegre chega para documentar o fenômeno, o prefeito nega os acontecimentos e afirma que tudo fora um artifício para promover a cidade. Tem início, então, a bem-sucedida “Operação Borracha”, que culmina em um jantar para reparar a moral dos ofendidos no coreto. Em março de 1964, a ditadura militar instala-se no país e reafirma os valores conservadores da sociedade cultuados em Antares.

### **A presença do rádio no romance**

O rádio aparece por diversas vezes no enredo, principalmente na primeira parte da obra, como símbolo de progresso, fonte de informações (especialmente relacionadas à política) e instrumento político (caso da Cadeia da Legalidade). O primeiro registro se dá na década de 20, quando Antares começa a se conectar com o resto do mundo (p. 29). O rádio também é apresentado como símbolo de nova tecnologia na fala de Tibério Vacariano em diálogo com Zózimo: “[...] estamos na era do avião e do rádio e tu me vens com o borgismo!” (p. 46)<sup>4</sup>. Outra referência se dá quando, em 1932, Zózimo é favorável à revolução constitucionalista, mas nada faz a favor dela, “limitava-se a escutar às escondidas o noticiário sobre a guerra civil divulgada pelas estações de rádio dos revoltosos” (p. 42).

Em outubro de 1945, Tibério Vacariano acompanha pelo rádio a queda de Getúlio, eventualmente conversando com o próprio aparelho sobre a notícia (p. 55). Em 1954, na casa da amante, é pelo rádio que Tibério recebe a notícia do atentado contra Carlos Lacerda (p.76). Os noticiários de rádio acompanham a investigação do caso e a situação política do país: “O noticiário de rádio do dia 12 reproduzia trechos do interrogatório de Gregório [...]” (p. 79). A situação também é acompanhada pelo jornal A Verdade, que instala uma sirene em frente à sua redação para avisar à população quando houvesse novidades. “A notícia do resultado final do inquérito fora noticiada por todos os rádios e jornais da nação” (p. 81).

Ainda em 1954, no dia 24 de agosto, antes do sol nascer, Tibério ouve no rádio o *Repórter Esso* que anuncia a licença de Vargas da Presidência da República por três meses – e, novamente, o coronel fala com o aparelho (p. 83). Cerca de 8h30 da manhã, a característica musical do *Repórter Esso* soa divulgando a notícia da morte de Getúlio (p. 84). Emocionado, Tibério espalha a notícia por sua casa e liga para dona Quitéria, que também havia escutado a informação. Em outra ocasião, na renúncia de Jânio Quadros, em 1961, é mencionado que o jornalista Carlos Lacerda vinha atacando o então presidente “pela imprensa, pelo rádio e pela televisão” (p. 115). Nesse

contexto, Leonel Brizola “fazia suas proclamações por intermédio da imprensa e numa cadeia de estações de rádio” (p. 121). As declarações de Jânio sobre a renúncia também são transmitidas pelo rádio. Tibério irrita-se ao ouvi-las e procura “sintonizar no seu rádio uma estação que não pertencesse à Cadeia da Legalidade, de Brizola” (p. 122).

Na segunda parte da obra, o rádio tem menos presença. A primeira se dá na breve descrição de Shirley, telefonista solteirona, fã de Frank Sinatra e de novelas de rádio (p. 372). É a única ocasião em que se menciona o rádio como meio de lazer. O segundo registro ocorre quando, avisada pelo prefeito de Antares, a imprensa de Porto Alegre vai à cidade verificar a história dos defuntos no coreto. Entre os jornalistas, está um pertencente à Rádio e Televisão Gaúcha. Durante a “Operação Borracha”, o prefeito ordena que representantes expliquem “ao governador, aos jornais, às estações de rádio e televisão” o mal-entendido ocorrido em Antares, evidenciando a importância da mídia, e, portanto, do rádio como um veículo formador da opinião pública (p. 464). Tibério Vacariano, convalescendo em casa, ouve pelo rádio os discursos dos presentes na homenagem durante o jantar da “Operação Borracha” (p. 467).

### **Sobre o imaginário**

Para dar-se conta do significado da presença do rádio no enredo é necessário refletir sobre os conceitos de imaginário. Neste sentido, para Morin (1984, p. 81), “o imaginário é um sistema projetivo que se constitui em universo espectral e que permite a projeção e a identificação mágica, religiosa ou estética”. Segundo o autor, “o imaginário liberta não apenas nossos sonhos de realização e felicidade, mas também nossos monstros interiores, que violam os tabus e a lei, trazem a destruição, a loucura ou o horror”. Morin considera, ainda, que o imaginário não só delinea o possível e o realizável, “mas cria mundos impossíveis e fantásticos. Pode ser tímido ou audacioso, seja mal decolando do real, mal ousando transpor as primeiras censuras, seja se atirando à embriaguez dos instintos e do sonho”.

Já Bazscko (1991) considera que designar a identidade coletiva é, por conseguinte, marcar o território e as fronteiras do mesmo, é definir as relações com os outros, formar imagens de amigos e inimigos, de rivais e aliados. Significa, ainda, conservar e modelar as recordações passadas bem como projetar para o futuro os temores e as esperanças. Conforme o autor, “os modos de funcionamento específico deste tipo de representações em uma coletividade refletem-se, particularmente, na elaboração dos meios de sua proteção e difusão, assim como de sua transmissão de uma geração a outra”. Deste modo, “o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva” (idem, p. 29).

Quanto ao imaginário tecnológico relativo ao rádio, concorda-se com Sarlo (1997, p. 132), quando a autora se refere às experiências com as tecnologias e o seu significado (tanto técnico quanto mítico):

*A aura técnica é um fenômeno novo, que se produz apenas quando uma área da tecnologia está suficientemente próxima para que outra pareça distanciada e*

*inalcançável. Nesta defasagem entre o efetivamente incorporado à vida cotidiana e o que é apenas uma promessa, instala-se a imaginação ficcional, à qual interessam menos as explicações detalhadas dos processos do que o relato do que estes processos tornarão possível quando os dominemos por inteiro.*<sup>3</sup>

Sobre as alterações que a sociedade vem sofrendo devido a sua relação com as tecnologias, Martín-Barbero (in MORAES, 2006) considera que as mesmas ocorreram, efetivamente, nas “condições de circulação entre o imaginário individual (por exemplo, os sonhos), o imaginário coletivo (por exemplo, o mito) e a ficção (literária ou artística)”. Para o autor, “a relação global dos seres humanos com o real se modifica pelo efeito de representações associadas às tecnologias, à globalização e à aceleração da história (Marc Augé)” (idem, p.70).

Encerrando estas observações, é interessante destacar, ainda, a referência feita por Antonini (2000, p. 33) em relação à construção ficcional e o imaginário:

*É sabido que o fio que separa o imaginário do dito real é tênue e mediado pelo processo da representação. Ainda que mergulhados em formas de composição semelhantes à da narrativa, tais discursos vão em busca de diferentes referenciais, quer seja os da cientificidade (factualidade) quer seja os da mera verossimilhança.*

## **O imaginário radiofônico no romance**

Uma reflexão inicial a ser feita em relação à trama do romance refere-se à cidade fictícia de Antares. Ana Pizarro (1987, p. 11) destaca a recorrência de “cidades imaginárias” na literatura latino-americana. Para a autora, “é curioso observar que ao imaginar a vida, a ficção necessita projetar e apropriar-se de um espaço urbano imaginário como instância instauradora de uma unidade de sentido e de funcionamento”, que é justamente o que ocorre com o caso de Antares, a cidade criada por Erico Verissimo para o seu romance.

Já sobre a presença do rádio no enredo, *Incidente em Antares* aponta uma série de elementos relativos ao imaginário sobre o veículo. Entre eles, destaca-se a questão da “modernidade”. O rádio é visto nos anos iniciais do romance como um signo da novidade tecnológica de então. O que se encaixa na proposta de Sarlo (1997) sobre a “aura técnica” que envolve este tipo de imaginário. Neste sentido, a fala de Zózimo, no romance, é paradigmática: “[...] estamos na era do avião e do rádio e tu vens me falar de borgismo!”.

Ao mesmo tempo, o veículo é registrado como o grande formador de opinião, sendo capaz de influir nas decisões principalmente políticas, dos cidadãos envolvidos no enredo ficcional. A par disto, também se destaca o imaginário sobre o poder do jornalismo, com a divulgação das notícias e a recepção por parte dos ouvintes. No romance, que se desenvolve principalmente na década de 60, a política e a questão nacional estavam muito presentes.

Neste sentido, conforme Lenharo (1986), “o rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional”. Para o autor, “o importante não era o que era passado e, sim, como era passado, permitindo

a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes” (idem, p. 146).

Em relação ao episódio da morte de Getúlio Vargas, no romance, é preciso destacar, além da questão do imaginário, a construção do mito. Para Antonini (2000, p. 182), “a composição de Verissimo mostra uma construção mítica que decorre de sua memória afetiva e da memória afetiva de seu povo que acaba por traduzir-se num novo conhecimento de um sujeito. No caso, um sujeito da História, Getúlio Vargas”. Para a autora, “Erico Verissimo consegue eleger um sujeito, Getúlio, retrabalhá-lo a partir de diferenciadas visões utópicas e representá-lo aos seus leitores como um super-herói que reconfirma o seu propósito de narrativa popular”. Desta forma, este mito que o autor “incorpora despreziosamente a sua obra é aquele mesmo de que os meios de comunicação de massa fazem uso” (idem, p.183).

Abordando a figura do narrador/locutor que anuncia no rádio, através do *Repórter Esso*, a morte do presidente, Antonini (2000, p. 177) considera ainda que:

*Várias leituras são possíveis a partir desta inserção da figura do locutor. O locutor é o emissor e o mediador entre o fato histórico e o seu receptor. [...] Investido de uma particular função, este locutor acaba por manter um afastamento ideal do acontecimento que narra. Seu código é o mais denotativo possível e suas expressões levam à exatidão da notícia. Por outro ângulo, este locutor já apresenta uma imposição de formas que seu autor lhe confere, quais sejam as de eleição, seleção, inclusão ou exclusão de dados semelhantes àqueles da narrativa histórica. Privilegia-se o fato, engendra-se a notícia, recorta-se a História Nacional e, para tal, privilegia-se a síntese, a fim de que a ambigüidade não se estabeleça.*

É, portanto, este talento do autor em trabalhar mitos e imaginários da sociedade em seu romance (“popular” na análise de Antonini) que atrai o leitor para o consumo de sua obra.

Por outro lado, para a compreensão da importância do rádio nesses anos é interessante destacar, ainda, o pensamento de Gaston Bachelard (1985, in MEDITSCH, 2004, p. 129) quando diz que “o rádio é, verdadeiramente, a realização integral, a realização cotidiana da psique humana”. Para ele, não se trata apenas de uma questão de comunicação ou de informação. “De modo cotidiano, nas necessidades não apenas de informação, mas de valor humano, o rádio é encarregado de apresentar o que é a psique humana”.

Neste sentido, no enredo ficcional de *Incidente em Antares*, a percepção sobre o veículo e a sua força junto à comunidade é fruto do período em que se passa o romance, que foi o de uma época preponderante do rádio, além das próprias vivências do autor. Assim, é compreensível que ele influa sobre o imaginário individual e coletivo da população, da forma em que é apresentado. Sem esquecer, como chama a atenção Aníbal Ford (1994, p. 87) que “a literatura é uma forma aberta, desarticulada, de se encontrar sentido nesta dura e obstinada existência”, o que, de certa maneira, é feito por Erico Verissimo em seu romance.

## Considerações finais

*Incidente em Antares*, na verdade, além do enredo ficcional propriamente dito, traça um grande painel da vida política rio-grandense (e brasileira) vista, em grande parte, sob o ângulo do rádio, que era a mídia de massa mais destacada naquele momento da sociedade nacional. E o que o veículo mostra no romance insere-se na proposta de Baszcko (1991, p. 28) quando este salienta que, através dos imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade, elaborando uma representação de si mesma e marcando a distribuição dos papéis e posições sociais. Também expressa e impõe certas crenças comuns, fixando especialmente modelos formadores como os do “chefe”, do “bom súdito”, do “guerreiro valente”, do “cidadão”, entre outros, o que é observado na obra.

Por outro lado, a influência do rádio na divulgação das informações e no “encolhimento” do mundo, à época, justificava a sua presença nas páginas do romance. É interessante lembrar que, ao longo do período em que se passa o enredo ficcional, o rádio, na política, por exemplo, anunciava a implantação do Estado Novo, em 1937, através de discurso do próprio Vargas ao microfone da Rádio Nacional. Divulgava, também, a deposição do presidente, em 1945, a posse de Dutra, o retorno de Vargas em 1950, as eleições de Juscelino Kubitschek e de Jânio Quadros, bem como a sua renúncia.

O veículo constituiu, ainda, a Rede da Legalidade, com Leonel Brizola. Esteve presente na posse de João Goulart, na dos governos militares e no fim da ditadura, além de divulgar tantos outros fatos importantes no âmbito nacional e local. O que demonstra a sua importância na construção de imaginários, tanto políticos, quanto culturais e sociais, que são apropriados pela literatura para a construção de suas tramas.

Assim, quando literatura e rádio se unem há uma potencialização desta força. Lembrando, conforme Marcondes Filho (2008, p. 63) que “são a literatura e a poesia os formatos que mais transformam as opiniões, os posicionamentos, as crenças, as atitudes das pessoas porque tocam fundo e mexem com os mecanismos que formam nossas opiniões, interferem em áreas em que somos mais indefesos, menos prevenidos”. Estes mecanismos, para o ser humano, por sua vez, podem ser compreendidos em relação às criações literárias, segundo Rivera (1987, p. 51), como

*o alimento poético, sua fome de aventura e ficção, sua necessidade de circulação constante entre o imaginário e o real, sua eterna necessidade de maravilhar-se com o espetáculo de sua própria vida e com o espetáculo sugestivo e excitante das vidas e destinos alheios, ainda que este espetáculo, ao final, não seja mais que transitório engano ou apenas uma frágil arquitetura de palavras.*<sup>6</sup>

*Incidente em Antares*, desta forma, ao incluir o rádio em seu enredo, reconhece a importância do veículo e a força do mesmo sobre os imaginários de então. Ao mesmo tempo, envolve o leitor na sua trama ficcional, mexe com a “necessidade de circulação entre o imaginário e o real” a que se refere Rivera, e auxilia, ainda, no reforço e na construção de novos imaginários.

## Referências bibliográficas

- ANTONINI, E. *Incidentes narrativos. Antares e a cultura de massa.* Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- BACHELARD, G. *Devaneio e Rádio.* In MEDITSCH, E. (org.). *Teorias do Rádio.* Vol. I. Florianópolis: Insular, 2004.
- BACZKO, B. *Los imaginarios sociales. Memorias y esperanzas colectivas.* Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1991.
- BORELLI, S. e MIRA, M.C. *Som, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil.* In Intercom. *Revista Brasileira de Comunicação.* vol. XIX, nº 1, janeiro/junho de 1996. São Paulo, Intercom.
- FADUL, A. *Literatura, rádio e sociedade: algumas anotações sobre a cultura na América Latina.* In AVERBUCK, L. *Literatura em tempo de cultura de massa.* São Paulo: Nobel, 1984.
- FORD, A. *Navegaciones. Comunicación, cultura y crisis.* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994.
- HAUSSEN, D.F. *Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração.* In BARBOSA FILHO, PIOVESAN e BENETON (org.). *Rádio, sintonia do futuro.* São Paulo: Paulinas, 2004.
- LENHARO, A. *Sacralização da política.* Campinas: Papyrus, 1986.
- MARCONDES FILHO, C. *Para entender a Comunicação: contratos antecipados com a nova teoria.* São Paulo: Paulus, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Tecnicidades, Identidades, Alteridades: mudanças e opacidades da Comunicação no novo século.* In MORAES, D. (org.). *Sociedade midiaticizada.* Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo – 1. Neurose.* 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- RIVERA, J. *Los avatares de una vieja pasión nacional: radio y teleteatro.* In FORD, RIVERA y ROMANO. *Medios de Comunicación y Cultura Popular.* Buenos Aires: Editorial Legasa, 1987.
- SARLO, B. *La imaginación técnica.* 2ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.
- SEVCENKO, N. *A capital irradiante.* In SEVCENKO, N. (org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio.* Vol. 3, 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- TOTA, A. P. *A locomotiva no ar. Rádio e modernidade em São Paulo (1924-1934).* São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.
- VERISSIMO, E. *Incidente em Antares.* Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

## **Notas**

1. Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada “Rádio e Literatura no Brasil do século XX”, em desenvolvimento pela autora. Colaboraram as Bolsistas de Iniciação Científica Márcia Schuler Pereira (PQ/CNPq) e Jéssica Mazzola (CNPq/PUCRS).
2. A polarizada política do Rio Grande do Sul, que resultaria na Revolução de 1923, constituía-se, principalmente, de “chimangos” (alusão ao pseudônimo de Borges de Medeiros, do Partido Republicano, e que usavam o lenço branco no pescoço) e de “maragatos” (como eram chamados os adeptos do Partido Federalista, identificados pelo lenço vermelho).
3. Referente à influência das ideias de Borges de Medeiros, presidente do Estado do Rio Grande do Sul por 25 anos, no período de 1898-1928 (com uma interrupção entre 1909-1913), durante a República Velha.
4. Tradução do espanhol pela autora.
5. Tradução do espanhol pela autora.
6. Tradução do espanhol pela autora.